

À espera da fogueira

RUDOLFO LAGO

DA EQUIPE DO CORREIO

No próximo dia 13 de dezembro, o destino da senadora Heloisa Helena (AL) será finalmente conhecido no PT. O partido discutirá sua expulsão em uma reunião do diretório nacional. Desde o ano passado, quando o hoje presidente Luiz Inácio Lula da Silva formalizou sua aliança com o PL, Heloisa Helena está em rota de colisão com seu partido. A ameaça de expulsão, a senadora sofre há pelo menos quatro meses. Mas o PT adiou várias vezes o momento final. Esperava a votação da reforma da Previdência: o voto contrário de Heloisa Helena a deixaria sem condições de defesa. Desobedeceria claramente uma orientação partidária, coisa que o PT não perdoa. A um passo do cadafalso, porém, a senadora não recua. Sabe que defende algo que até o ano passado todo o partido também defendia. No dia 13 de dezembro, defenderá a tese de que a disciplina partidária não pode ser algo maior que a coerência.

CORREIO
BRAZILIENSE — Na avaliação da maioria dos petistas, ao votar contra a reforma da Previdência, a senadora selou seu destino, o da expulsão. A senadora concorda que não há mais saída agora?

HELOISA HELENA — Acho que a minha situação é exatamente a mesma de antes da votação da reforma. Eles já sabiam como eu ia votar. Não havia surpresa alguma nisso. Não sei se alguns acreditavam que eu pudesse mudar de idéia na última hora. Mas esses, se pensaram assim, realmente não me conhecem.

CORREIO — Por que, então, a senhora não abrevia seu próprio sofrimento e sai logo do partido?

HELOISA HELENA — Vou até o fim. Se não estivesse disposta a enfrentar esse debate no partido, dentro do diretório, já teria saído. Teria mudado de partido enquanto houvesse tempo de disputar a prefeitura de Maceió por outra legenda. Enfrentarei a reunião do dia 13 de dezembro. Até porque sei que estarei representando também o pensamento de outros petistas.

CORREIO — A votação da reforma da Previdência esta semana passou a sensação de que a senhora está isolada. O que a senhora espera da reunião do diretório no dia 13?

HELOISA HELENA — Não sei como agirão. Não quero pensar que já estou expulsa. Espero que não atuem com truculência. Espero que não seja uma fogueira da Inquisição.

CORREIO — A senhora está isolada?

HELOISA HELENA — Há um movimento de solidariedade. Na conferência da Democracia Socialista, foi aprovado manifesto sobre o meu caso. No manifesto, a minha tendência no PT diz que não aceita a minha expulsão. E deixou claro que continuaria me considerando militante, ainda que expulsa do PT.

CORREIO — Alguns senadores argumentaram, e também o presidente do PT, José Genoíno, que a senhora poderia protestar, fazer uma declaração de voto e, depois, em nome da disciplina partidária, votar com o restante da bancada. Essa não seria a melhor saída?

HELOISA HELENA — Não. Não havia saída. Eu estaria envergonhada diante de mim mesma se tivesse capitulado. Não tenho ganho algum com minha atitude. Nenhum ganho eleitoral. Pelo contrário. Eu sei o que significa minha atitude em um estado conservador como o meu.

CORREIO — O que a senhora pretende dizer em sua defesa?

HELOISA HELENA — Não preparei minha defesa. Há mais de três meses que o estatuto do PT vem sendo rasgado. Sofro um processo sem acusação formal. Pelo estatuto, eles terão de me entregar um parecer sobre meu caso uma semana antes do julgamento. Aí, saberei exatamente do que estão me acusando. Vou ler o processo com serenidade e trabalhar minha "defesa". "Defesa" assim: entre aspas. Porque nesse processo não aceito falar em "acusação" ou "defesa" sem que essas palavras estejam entre aspas.